

**Viver nos trópicos com bens do Império:  
a circulação de pessoas e objectos no Império Português**

*Ana Luiza de Castro Pereira*

Doutora em História Moderna

Investigadora Associada do CHAM - Centro de História de Além-Mar

Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores

Rua Jerónimo Osório, 37 D 1º

8000-307

Faro, Portugal

Tel: +351 918451055

[aluizacastro@gmail.com](mailto:aluizacastro@gmail.com)

**Área temática:** História econômica e demografia histórica

**Resumo**

Na actualidade, temas relacionados ao consumo e à cultura material têm sido abordados com o objectivo de buscar entender os significados que a posse de objectos assumiu na vida quotidiana de homens e mulheres ao longo da História. A posse de objectos utilizados não somente na lida do campo, mas também na extracção do ouro e na preparação de iguarias no ambiente doméstico pode ser recuperada a partir dos inventários *post mortem* e nos permitem adentrar nos lares mineiros e conhecer o significado que a circulação de objectos assumiu na vida de homens e mulheres do século XVIII.

Palavras-chave: 1. Império Português; 2. vida material; 3. inventários *post-mortem*; 4. Sabará; 5. Século XVIII

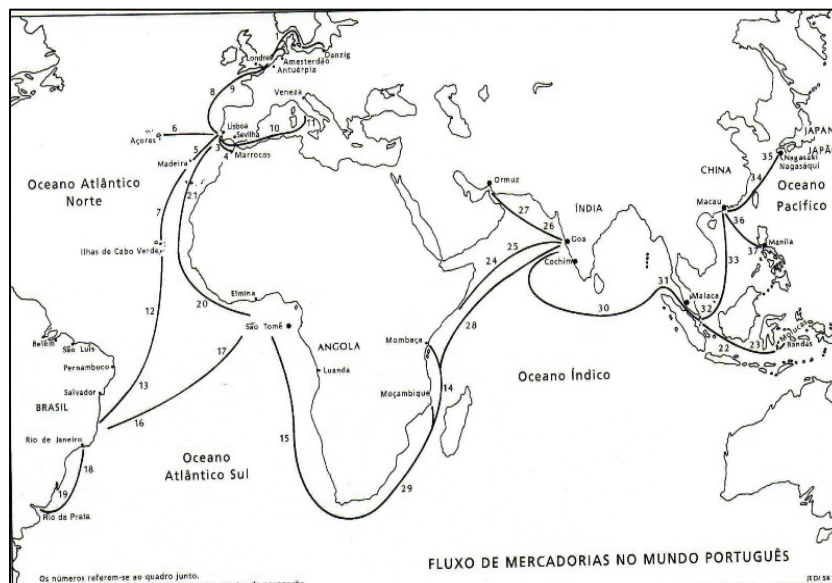
## 1. Introdução<sup>1</sup>

"[...] A história das atitudes relativamente ao objecto e à mercadoria na nossa sociedade é aqui capital: postula que uma história do consumo é uma maneira de conciliar sujeito e objecto, interioridade e exterioridade. O Principal argumento da história da civilização material é a relação dos homens com as coisas e com os objectos." <sup>2</sup>

Na vida quotidiana, no interior das casas, qual foi o significado da constituição de uma sociedade que mesclou culturas díspares, mas que acabou por se tornar a base de constituição de uma nova sociedade composta por traços africanos, portugueses e indígenas. Interessa-nos, para este texto, analisar os possíveis vestígios de permanência da sociedade portuguesa, nomeadamente a da região norte de Portugal, entre os bens arrolados nos inventários *post mortem* dos moradores da Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, em Minas Gerais. Estamos cientes da relativa representatividade de tais documentos frente ao cômputo total da população da Comarca<sup>3</sup>, uma vez que pertencem a uma parcela pequena e, em alguns casos, abastada da sociedade mineira. No entanto é exactamente no interior dessa parcela da população que se manifesta a presença marcante de indivíduos (principalmente do sexo masculino) naturais do norte de Portugal.

Contudo, a riqueza descritiva apresentada pelos inventários *post mortem* sobrepõe-se à sua pouca representatividade numérica. A partir da análise dos inventários foi possível perceber a intensa circulação de homens e objectos em função da descoberta do ouro. Mas

**Mapa 1 – Fluxo de Mercadorias no Mundo Português**



Fonte: RUSSEL-WOOD, A. J. R., *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006, 429.

Minas, mas também para a circulação dos produtos nos domínios portugueses.

não foram somente os objectos profissionais os que apontaram para a riqueza vivida pelos habitantes das minas setecentistas. Os objectos em ouro, prata e bronze usados não somente na ornamentação dos espaços, mas também em jóias e utensílios domésticos, como também a presença de móveis nos interiores das casas e de vestuário em linho e seda apontam não somente para o requinte daqueles que viveram nas

<sup>1</sup> Este texto derivou da investigação para elaboração da Tese de Doutoramento intitulada “Unidos pelo sangue, separados pela lei: família e ilegitimidade no Império Português, 1700 - 1799.”

<sup>2</sup> ROCHE, Daniel, *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*, Lisboa, Teorema, D.L. 1998, p.12.

<sup>3</sup> A população da Comarca do Rio das Velhas no ano de 1776 somava um total de 99.576 habitantes sendo que, destes, 60.366 eram do sexo masculino (deste total 8.648 eram brancos; 17.011 eram pardos e 34.407 eram pretos) e 39.210 do feminino (deste total 5.746 eram brancas; 17.225 pardas e 16.239 pretas). Neste mesmo ano foram contabilizadas as populações das demais comarcas que compunham a Capitania de Minas Gerais: Vila Rica (população total de 78.618 habitantes); Rio das Mortes (população total de 82.781 habitantes); Serro (população total de 58.794 habitantes). Nota-se assim que a Comarca do Rio das Velhas era a mais povoada da capitania. Cf.: VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemérides Mineiras*, 1778. p. 194.

Entre os historiadores que se dedicam ao estudo do Império Português é notória a importância que as actividades comerciais desempenharam enquanto promotoras da circulação<sup>4</sup> não somente de objectos, mas também de pessoas pelos quatro cantos do Império. Comerciantes, homens de negócio, tratantes, muitas foram as denominações por eles recebidas, mas o facto é que por meio das redes de comércio os produtos ganhavam o Atlântico e circulavam do oriente para o ocidente e, vice-versa. A Cidade de Lisboa desempenhou, neste contexto, o ponto de encontro das várias rotas de circulação da mercadoria ultramarina. No século XVIII Lisboa era a principal praça de comércio do Mundo Atlântico Português concentrando as mercadorias recebidas por Portugal de suas colónias e demais nações modernas, mas também as mercadorias exportadas por Portugal. Em meados do século XVIII chegaram a Portugal cerca de trinta e cinco produtos diferentes provenientes do Brasil e, no final deste mesmo século eram cerca de 125 os produtos na praça lisboeta vindos da América.<sup>5</sup> De Lisboa os produtos ganhavam o “mundo” e adentravam nas praças comerciais das grandes nações europeias: Espanha, Itália, Países Baixos, Inglaterra. Além de circularem pelas demais colónias portuguesas na Ásia e África caracterizando um intenso comércio intercolonial.

Quadro 1 – Fluxo de Mercadorias<sup>6</sup> no Mundo Português

Origem – Destino	Produtos
Báltico – Portugal	Cereais, âmbar, trigo
Alemanha – Portugal – Alemanha	Metais, objectos de metal, armas, vidro, armaduras, sal, vinho, azeite, fruta, curtumes
Portugal – Marrocos	Panos, especiarias, lacas
Marrocos – Portugal	Cereais, frutas, metais, coral, tapetes, têxteis
Madeira – Portugal	Açúcar, vinhos, tintura
Açores – Portugal	Açúcar, vinhos, trigo, algodão, tinturas
Cabo Verde – Portugal	Sal, milho, tinturas
Portugal – Europa Ocidental	Pau-brasil, tinturas, especiarias, marfim, pimenta, açúcar, vinhos, sedas, sal, panos, tabaco, madeiras preciosas
Europa Ocidental – Portugal	Cereais, bens manufacturados, lanifícios e têxteis
Portugal – Itália	Pau-brasil, tinturas, especiarias, marfim
Itália – Portugal	Cereais, veludo, vidros, faianças
Portugal – Brasil	Azeite, farinha de trigo, bacalhau, vinhos, utensílios, bens manufacturados
Brasil – Portugal	Pau-brasil, açúcar, ouro, diamantes, curtumes, madeiras, resina, óleos, algodão,

<sup>4</sup> Sobre o conceito de circulação de mercadorias, ideias e indivíduos, ver RUSSEL-WOOD, A. J. R., *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006; ZEMELLA, M. P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, Hucitec/Edusp, São Paulo, 1990; RUSSELL-WOOD, A. J. R. “El Brasil colonial: el ciclo del oro, c. 1690 –1750”, in BETHELL, L. (ed.). *História de América Latina 3*, Editorial Crítica, Barcelona, 1990, 260-305; GODINHO, V. M., “As frotas do açúcar e as frotas do ouro, 1670-1770”, in GODINHO, V. M., *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar, séculos XIII-XVIII*, Difel, Lisboa, 1990, 477-496; FURTADO, J. F. *Homens de negócio: a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, Hucitec, São Paulo, 1999; PEDREIRA, J. M. V., *Os homens de negócio da praça de Lisboa de Pombal ao Vintismo (1755-1822)*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995, (Tese de doutorado); BOXER, Charles R., *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000; BOSCHI, C. C. “Nem tudo que reluz vem do ouro...”, in SZMRECSÁNYI, T. (org.). *História económica do período colonial*, Hucitec, São Paulo, 1996, 57-66; CARRARA, A. A. *Agricultura e pecuária na capitania de Minas Gerais (1674-1807)*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997 (Tese de doutorado);

<sup>5</sup> Russel-Wood enumera, entre outros produtos: ouro (em pó, em barra e em moeda), diamantes, sacos de lã, farinha, mel, troncos de jacarandá, cacau, café, drogas medicinais, especiarias e muitos outros. RUSSEL-WOOD, A. J. R., *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006, 199-200.

<sup>6</sup> Uma lista das mercadorias desembarcadas em Lisboa pelas frotas provenientes do Brasil no ano de 1749 pode ser vista em BOXER, Charles, *A idade de ouro no Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 368-371,

	tabaco, prata, bebidas
África Oriental – Portugal	Ébano, ouro, marfim, coral
Portugal – África Oriental	Panos, contas de vidros
Brasil – África Ocidental	Tabaco, ouro, aguardente, curtumes, cavalos
África Ocidental – Brasil	Escravos, marfim
Sul do Brasil – La Plata	Açúcar, escravos, arroz
La Plata – Sul do Brasil	Prata
África Ocidental – Portugal	Escravos, marfim, ouro, pimenta, almíscar
Portugal – África Ocidental	Bens manufacturados, têxteis, cobertores, objectos de metal, contas, pulseiras, milho, cavalos, conchas
Goa/Cochim - Ilhas de Banda/Molucas	Algodões, cobre
Goa/Cochim - Ilhas de Banda/Molucas	Cravinho, noz-moscada, macis
Goa – África Oriental	Têxteis
África Oriental -Goa	Escravos, ouro, marfim
Goa – Ormuz	Especiarias, sedas
Ormuz – Goa	Prata, cavalos
Goa – Portugal	Especiarias, sedas, algodões, porcelanas, madeiras aromáticas, cheta, marfim, pedras preciosas, perfumes, laca, plantas medicinais
Portugal – Goa	Barras de ouro e prata, cobre, metais, panos e linhos europeus, bens europeus, lentes, relógios
Goa/Conhim - Malaca	Linhos indianos, confecções em algodão, bens europeus, especiarias, pimenta, marfim, lentes, relógios
Malaca-Goa/Conhim	Ouro, cobre, sedas, almíscar, porcelana, pérolas, plantas medicinais, objectos japoneses
Malaca – Macau	Especiarias, pimenta, madeiras, curtumes, bens europeus, panos indianos, marfim, lentes, relógios
Macau – Malaca	Pérolas, plantas medicinais, porcelana, almíscar, seda, cobre, ouro, objectos japoneses
Macau – Nagasaqui	Bens europeus, ouro, seda, porcelanas, almíscar
Nagasaqui – Macau	Prata japonesa, objectos lacados, mobiliários, biombos, armas de fogo
Macau – Manila	Sedas chinesas, algodões indianos, mobiliário, porcelana
Manila – Macau	Prata americana

Fonte: RUSSEL-WOOD, A. J. R., *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006, 430

O quadro acima foi transcrito da obra de Russel-Wood intitulada *Um mundo em movimento*, cuja temática central é a intensa circulação de mercadorias no Mundo Português abrangendo os Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. Vemos no quadro um variado rol de mercadorias desde porcelanas indianas, objectos japoneses, marfim oriundo da costa africana, ouro proveniente do Brasil, produtos manufacturados das mais diversas nações europeias, em suma, uma gama variadíssima de mercadorias cujo efeito foi a inserção de Portugal numa “[...] rede global de trocas de mercadorias que ia desde Danzig ao Zambeze, e de Mato Grosso a Manila.”<sup>7</sup>

Depois de cruzarem o Tejo e serem descarregados na capital do Império Português os produtos eram enviados para as mais diversas localidades. Muitos adentravam pelas portas dos portugueses residentes em Portugal Continental, mas outros tantos eram novamente embarcados para uma nova viagem pelo ultramar. Para o Brasil eram enviadas mercadorias de origem portuguesa e também de outras partes da Europa. Entre eles destacam-se os tecidos. De Portugal iam as baetas<sup>8</sup>, as cambraias<sup>9</sup>, as chitas<sup>10</sup> de algodão e linho. Das demais nações

<sup>7</sup> RUSSEL-WOOD, A. J. R., “Fluxo e refluxo de mercadorias”, in *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006, p. 200.

<sup>8</sup> Tecido confeccionado a partir da lã.

<sup>9</sup> Tecido fino e transparente de linho ou de algodão.

<sup>10</sup> Tecido de algodão, estampado a cores.

européias eram enviadas para o Brasil a baeta inglesa, as chitas da Holanda e de Hamburgo, as linhas de costura italianas, em suma, produtos que passariam a fazer parte do viver colonial.

## 2. Um mundo em movimento: do ultramar para os Sertões

Mapa 2 – Estrada Real que proporcionava a ligação dos sertões das Minas com o litoral do Rio de Janeiro.



Fonte: <http://www.minastour.com.br/website/index.php?centro=estradaREAL.php>, acesso .05.2008

Na América Portuguesa a circulação dos produtos que eram desembarcados, principalmente, no litoral do Rio de Janeiro<sup>11</sup> ganhavam o interior do território em lombos de burros. Os viandantes, responsáveis pela condução das mercadorias, utilizando-se frequentemente das tropas de muares, desempenharam um importante papel, uma vez que se tornaram responsáveis por fazer chegar aos sertões da América Portuguesa a mercadoria proveniente do litoral e, também, de outros domínios ultramarinos.

A ligação<sup>12</sup> da região mineradora com o litoral deu-se por meio da abertura de trilhas por onde se pudesse escoar toda a produção de ouro vinda das Minas, mas também por onde fosse possível fazer chegar à capitania produtos vindos de outras possessões portuguesas. A cidade do Rio de Janeiro<sup>13</sup> e a Vila de Parati foram, durante o período de extracção do ouro e dos diamantes, os portos por onde a coroa portuguesa fez escoar a produção com destino a Portugal.

<sup>11</sup> Sobre o comércio efectuado na praça do Rio de Janeiro, ver FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo, “Negociantes, mercado Atlântico e mercado regional; estrutura e dinâmica da praça mercantil do Rio de Janeiro entre 1790 e 1812, in FURTADO, Junia Ferreira (org.), *Diálogos oceânicos; Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001, p.155-179.

<sup>12</sup> Sobre a ligação comercial entre o interior e o litoral, ver CHAVES, Cláudia, *Perfeitos negociantes: mercadores das Minas setecentistas*, 1ª. ed. São Paulo, Annablume, 1999; FURTADO, J. F., “Teias de Negócio: conexões mercantis entre as minas do ouro e a Bahia durante o século XVIII”, In FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; SAMPAIO, A. C. Jucá de; CAMPOS, Adriana Pereira. (Org.), *Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*, 1 ed. Lisboa/Vitória, IICT/EDUFES, 2006, v. 1, p. 165-192.

<sup>13</sup> Entre os anos de 1803 e 1805 (pouco antes da transferência da família real portuguesa para o Brasil) os produtos vindos do Reino eram a maioria (38%) entre aqueles que foram importados para o Brasil. Em seguida vinham os produtos originários de outras regiões europeias (22%), seguidos pelos produtos provenientes de outras regiões da América Portuguesa (20%), à África e à Ásia couberam, respectivamente, 15% e 5% do valor das importações naquela época. CF.: FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo, “Negociantes, mercado Atlântico e mercado regional; estrutura e dinâmica da praça mercantil do Rio de Janeiro entre 1790 e 1812, in FURTADO, Junia Ferreira (org.), *Diálogos oceânicos; Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001, p.156.

“[...] Os viandantes que entravam nas minas, em geral levavam pouco valor em dinheiro, e muita mercadoria. E, ao voltarem, [...] traziam bastante ouro em pó, apurado na venda dos efeitos introduzidos nas Gerais.”<sup>14</sup>

Além disso, eram também os portos de entrada de todo o tipo de mercadorias vindas de Portugal e de outras partes do Império Português para abastecer a América portuguesa.

A presença nas Minas de um elevado número de comerciantes vem sendo objecto de estudo de alguns historiadores brasileiros a começar por Cláudia Chaves<sup>15</sup> e Junia Ferreira Furtado<sup>16</sup>. Esta ressalta que uma das estratégias utilizadas pelos negociantes para expandir seus negócios pelo interior das Minas foi, justamente, o envio de representantes para as Minas incumbidos, não só de comercializar suas mercadorias, mas também de averiguar sobre as possibilidades de fixação de casas de comércio naquela região. A autora analisa a correspondência comercial emitida e recebida por um dos grandes comerciantes da Capitania de Minas, Francisco Pinheiro, um “negociante por grosso”<sup>17</sup> e que se destacou pela grande mobilidade das relações por ele estabelecidas em função da sua actividade comercial. Sua rede de comércio cobria não somente as principais cidades portuguesas (Braga, Coimbra, Porto e as ilhas da Madeira e Açores), como também grandes praças de comércio em França, Inglaterra, Holanda e Itália.

Há que se considerar, entretanto, o facto de que a distância física entre as Minas e o litoral da América foi um dos factores responsável pela prática de preços dos produtos, nas lojas setecentistas mineiras, nunca antes vistos, como afirma Junia Furtado: “[...] A distância das Minas, a dificuldade dos meios de transporte, os inúmeros intermediários e a cobrança de vários impostos eram alguns dos motivos que faziam com que os preços das mercadorias atingissem nas Minas preços nunca vistos.”<sup>18</sup> André João Antonil<sup>19</sup> em sua obra *Cultura e Opulência nas Minas* destacou a variedade de produtos comercializados nas Minas. Desde

<sup>14</sup> ZEMELLA, M. P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, Hucitec/Edusp, São Paulo, 1990, 163.

<sup>15</sup> CHAVES, Cláudia, *Perfeitos negociantes: mercadores das Minas setecentistas*, 1ª. ed. São Paulo, Annablume, 1999.

<sup>16</sup> Junia Ferreira Furtado, em seu livro *Homens de negócios; a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas* propõe uma revisão da historiografia ao apontar os mecanismos utilizados pelos habitantes das Minas para introduzir no quotidiano, o viver económico, social e político da Metrópole, um processo nomeado pela autora como a “interiorização da Metrópole”. Tais mecanismos se pautavam, essencialmente, na fidelidade e na identificação dos súbditos com seu rei, mas sem deixar de garantir o espaço da alteridade que foi a marca da sociedade mineira setecentista. Cf.: FURTADO, Jônia Ferreira., *Homens de negócios; a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, HUCITEC, São Paulo, 1999.

<sup>17</sup> Classificação utilizada por Charles Boxer para caracterizar os comerciantes ligados à comercialização de produtos manufacturados em grandes escalas. Além disso, também transitavam no mercado da especulação e de empréstimos. BOXER, Charles R., *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>18</sup> FURTADO, J.F., *Homens de negócios; a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, HUCITEC, São Paulo, 1999, 198-199.

<sup>19</sup> Giovanni Antônio ou João Antônio Andreoni ou como ficou conhecido André João Antonil foi um jesuíta italiano que antes de se integrar à Companhia de Jesus, estudou Direito Civil na Universidade de Perúgia, Itália. Quando completou dezoito anos, em 1667, ingressou na Companhia de Jesus. Chegou em Salvador, na Capitania da Bahia, em 1681 onde faleceu em 1716. Aqui exerceu o cargo de Reitor do Colégio por duas vezes, tendo sido o Provincial de 1705 a 1709. Antonil foi um estudioso da economia sendo a sua obra *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, publicado em 1711, considerada pelos historiadores como um dos melhores estudos feitos sobre a economia e sociedade das Minas no século XVIII. A exposição feita por Antonil das condições sócio económico das Minas foi vista pela Coroa portuguesa como uma ameaça à tão almejada estabilidade buscada para aquela região. Em função disso, a maioria dos exemplares da obra de Antonil foi confiscada e retirada de circulação. ANTONIL, A. J., *Cultura e opulência do Brasil*, Itatiaia/Edusp, Belo Horizonte, 1982.



produtos alimentícios, vestuário, acessórios e armas, tudo era comercializado nas lojas de secos e molhados das Minas. Assim, afirmou Antonil: “[...] Logo se fizeram estalagens, e logo começaram os mercadores a mandar às Minas o melhor que chega nos navios do reino, e de outras partes, assim de mantimentos, como de regalo, e de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França, que lá também foram dar.”<sup>20</sup>

Contudo, não podemos deixar de relativizar a importância do mercado externo já que este não foi o único responsável pelo abastecimento das Minas ao longo do século XVIII. A produção agrícola da colônia, associada à pecuária, à produção de aguardente e de alguns tecidos mais grosseiros, garantiu o abastecimento<sup>21</sup> das Minas.

Esses mercados foram mobilizadores de correntes comerciais que circulavam por vias de comunicação terrestres e fluviais, por onde trafegavam tropeiros, comboieiros, mercadores e boiadeiros vindos dos mais diferentes pontos do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, os principais mercados abastecedores das áreas da mineração.<sup>22</sup>

E, mais uma vez, foram os comerciantes os responsáveis por estabelecer a ligação das redes do mercado interno com as redes de comércio do litoral. A importância das Minas, para a Coroa portuguesa, seja pela descoberta do ouro, seja pelo estabelecimento das redes de comércio, pode ser confirmada no trecho abaixo:

[...] a Capitania de Minas é povoada de Mineiros, roceiros, negociantes e oficiais de diferentes ofícios. Os mineiros, são os que dão mais utilidade a Sua Majestade, no quinto que recebe do ouro. [...] Os comerciantes fazem a segunda parte do rendimento da Capitania dos Direitos que pagam à mesma Majestade.<sup>23</sup>

Interessa-nos para este texto analisar a presença no espólio de algumas famílias que tiveram como domicílio a Vila de Nossa Senhora da Conceição de Sabará<sup>24</sup>, de objectos pessoais e/ou profissionais que apontem para esta intensa circulação de mercadorias no Império Ultramarino Português. Para tanto analisaremos, essencialmente, os inventários *post mortem* de homens e mulheres que residiram na Vila de Sabará em função da riqueza de informações que esta fonte recupera relativamente à posse de objectos e dos aspectos da cultura material.

## 2. Viver nos trópicos com bens do Império

A vida quotidiana na América Portuguesa vem sendo frequentemente analisada à luz da documentação notarial, nomeadamente os inventários *post mortem*, as escrituras de compra

<sup>20</sup> Documentos Diversos, RAPM, 1987, ano 2, 517.

<sup>21</sup> Sobre o abastecimento interno das Minas ver, ZEMELLA, M. P. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII*, HUCITEC, São Paulo, 2ª Ed., 1990; FURTADO, J.F., *Homens de negócios; a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, HUCITEC, São Paulo, 1999; CHAVES, C. M., *Perfeitos negociantes; mercadores das Minas Setecentistas*, Annablume, São Paulo, 2003.

<sup>22</sup> ELLIS, M. “Contribuição ao estudo do abastecimento das zonas mineradoras do Brasil no século XVIII”, *Revista de História*, USP, São Paulo, ano 9, 340.

<sup>23</sup> Documentos Diversos, RAPM, 1987, ano 2, 507.

<sup>24</sup> A Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sabará era a sede administrativa da Comarca do Rio das Velhas. Em termos administrativos a América Portuguesa no século XVIII estava dividida em Capitânias que, por sua vez, estavam divididas em Comarcas. No caso da Capitania de Minas Gerais, esta estava dividida em 4 comarcas: Comarca de Vila Rica (onde foi instaurada a sede do governo no ano de 1720), Comarca do Rio das Velhas (cujas sede era a Vila de Sabará), Comarca do Serro Frio (com sede em Diamantina) e Comarca do Rio das Mortes (com sede em São João del Rei).

e venda, entre outros. A minuciosidade na descrição dos bens é uma das características mais marcantes dos inventários. O rol de bens avaliados variava desde um botão de casaca até grandes propriedades rurais. Some-se a isso o facto de constarem no acto da descrição dos bens adjectivos como: ordinário, velho, usado, novo, entre outros enquanto factor de influência no valor dos bens.

Maria Beatriz Nizza da Silva<sup>25</sup> em 1993 publicou *Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, obra em que analisa o viver diário, trivial, de alguns habitantes das cidades do Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A posse de peças de mobiliário, as tradições alimentares, o vestuário, entre outros, foi um dos aspectos analisados pela autora e talvez aquele onde o conceito de adaptação melhor se aplica. A presença, nos trópicos, de géneros alimentares desconhecidos da dieta portuguesa, associados às longas viagens de navio empreendidas pelos géneros alimentares vindos de Portugal, fez com que a dieta dos “novos brasileiros” se tornasse muito mais rica e diversificada ao juntar géneros provenientes de várias paragens com os géneros indígenas. É o caso da farinha de mandioca, do milho, a rapadura (produto proveniente do caldo da cana-de-açúcar), entre outros, que adentraram pelas portas dos recém-chegados portugueses e ganharam espaço em suas mesas.

Contudo, não foram somente os produtos tropicais que passaram a fazer parte do dia-a-dia dos portugueses na América. Também os produtos provenientes de Portugal e de outras nações europeias foram inseridos na vida quotidiana da colónia, verificando-se uma “europeização dos hábitos alimentares”<sup>26</sup> como nos afirma Maria Beatriz Nizza. Os mais refinados como, por exemplo, os variados tipos de vinho (tinto, branco, moscatel e do Porto), o presunto português, o salame italiano, são alguns dos exemplos que podemos encontrar presentes principalmente nas mesas dos habitantes da Cidade do Rio de Janeiro a partir da chegada da família real portuguesa em 1808.

“[...] em tais paragens tratam os portugueses de provocar um ambiente que se adapte à sua rotina, às suas conveniências mercantis, à sua experiência africana e asiática”<sup>27</sup>

Neste contexto, o papel dos comerciantes, dos homens de negócios<sup>28</sup>, dos viandantes foi fundamental para a difusão dos mais variados produtos (naturais e estrangeiros) não somente no território da América Portuguesa, mas nos demais pontos do Império Português.

No Brasil os estudos sobre a vida material<sup>29</sup> têm contemplado, sobretudo, a análise dos inventários *post mortem*. Em 1997 sob a organização de Laura de Mello e Souza e Fernando Novais foi publicado o primeiro volume da História da Vida Privada no Brasil<sup>30</sup> cuja temática

<sup>25</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, Editorial Estampa, 1993.

<sup>26</sup> Sobre a permuta alimentar estabelecida entre indígenas, africanos e portugueses desde os primeiros anos da colonização até finais do Antigo Regime, ver SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, Editorial Estampa, 1993.

<sup>27</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Caminhos e Fronteiras*, edição ilustrada, Coleção documentos brasileiros, Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 1.

<sup>28</sup> Sobre as actividades desempenhadas pelos homens de negócios, bem como as relações por eles estabelecidas com as demais praças mercantis, ver FURTADO, Junia Ferreira, *Homens de negócios; a interiorização da Metrópole e do comercio nas Minas setecentistas*, HUCITEC, São Paulo, 1999; CHAVES, Cláudia, *Perfeitos negociantes: mercados das Minas setecentistas*, 1ª. ed. São Paulo, Annablume, 1999.

<sup>29</sup> No Brasil foi lançado na última década do século XX um conjunto de obras intitulado Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira, escrito pelo historiador Ernani Silva Bruno. Trata-se de um projecto empreendedor caracterizado por uma vasta pesquisa sobre o quotidiano das casas brasileiras desde o século XVI até o XIX. A colecção, composta por 5 volumes, reúne informações sobre: Alimentação, Construção, Costumes, Objectos e Equipamentos. A consulta aos resultados do Projecto pode ser feita também em *website* <http://www.mcb.sp.gov.br/ernMain.asp>.

<sup>30</sup> NOVAIS, Fernando; SOUZA, L. M. (Org.), *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na*



era o quotidiano e a vida privada na América Portuguesa. Composto este volume está o artigo de Leila Mezan Algranti *Famílias e vida doméstica* que trata, sobretudo, do viver quotidiano das famílias desde o princípio da colonização portuguesa no Brasil. Um dos aspectos fundamentais que devem ser considerados por aqueles que se debruçam no estudo do quotidiano e da vida privada é a importância que o domicílio assumiu enquanto espaço de convivência e de intimidade. Os quintais (que permitiam que os olhares dos vizinhos adentrassem pela vida privada uns dos outros), as janelas de treliça (associadas á confinamento feminino), o mobiliário e os recheios das casas revelam o viver de homens, mulheres e crianças no interior de suas casas. Para além do interior das casas, também as ruas exerceram um importante papel no convívio social. Neste contexto, as festas religiosas com suas procissões, missas e *te-déuns* proporcionaram aos habitantes das mais diversas regiões interagirem socialmente.

### 3. O perfil dos inventariados e a composição dos espólios

O processo de inventário<sup>31</sup> dos bens de um indivíduo (seja por ocasião do seu falecimento, seja por incapacidade mental) no século XVIII, nas Minas Gerais, era bastante minucioso, uma vez que deste processo resultava a partilha dos bens entre os herdeiros. Para uma melhor análise do espólio dos inventariados, agrupei os seus bens em 12 categorias: 1) armas (de fogo e brancas), 2) utensílios domésticos (tachos, pratos e talheres), 3) utensílios profissionais (almocafres, alavancas e bateias), 4) instalações profissionais (tendas de ferreiro), 5) estoques (tecidos, botões, especiarias), 6) moedas (ouro em pó), 7) objectos em ouro e prata (argolas de filigrana, brincos, colares), 8) móveis (leitos, bancos e catres), 9) vestuário (camisas, vestidos e meias de seda), 10) imagens religiosas, 11) imóveis e 12) semoventes (animais e escravos).

No Brasil, desde a década de 1970 os inventários *post mortem* têm sido utilizados pelos historiadores para analisar os mais diversos aspectos da vida social, cultural e económica. Também os testamentos podem ser utilizados como instrumentos de leitura do viver quotidiano setecentista. É importante considerar, entretanto, que a minuciosidade encontrada nos inventários com a descrição dos bens e sua avaliação em geral não era reproduzida nos testamentos.

Em Portugal, alguns estudos que se debruçaram sobre a análise dos inventários *post mortem* revelam, também, a circulação de objectos que marcou todo o período de existência do Império Ultramarino Português. Nuno Madureira ao analisar os aspectos do consumo e da vida material na Cidade de Lisboa, no século XVIII, aponta para o intenso ir e vir de mercadorias na praça lisboeta.

“[...] Grande porto transitário, e vértice estratégico do triângulo Portugal-Brasil-Europa, a capital goza de uma posição privilegiada nas trocas internacionais particularmente durante o último quartel do século XVIII. Para ela confluem mercadorias das mais variadas proveniências. As lãs do Alentejo, o algodão do Brasil, o linho em rama da Rússia, Holanda e Dinamarca, as sedas cruas e tintas de Itália.”<sup>32</sup>

---

*América portuguesa*, 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

<sup>31</sup> Sobre o uso dos inventários *post mortem* para estudo da vida material e quotidiana, ver: MAGALHÃES, B. R. . A demanda do trivial vestuário, alimentação e habitação. Revista Brasileira de Estudos Políticos Rbep, Belo Horizonte, v. 65, p. 153-199, 1987; MOTA, António da Silva, “Aspectos da Cultura material e inventários post-mortem da capitania do Maranhão, séculos XVIII e XIX”, *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades*, Lisboa 2 a 5 de Novembro de 2005, FCSH/UNL, Portugal.

<sup>32</sup> MADUREIRA, Nuno Luís, *Inventários: aspectos do consumo e da vida material em Lisboa nos finais do*

Para este texto foram consultados 171 processos de inventário *post mortem* de residentes na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sabará dentre os quais 105 pertenciam a homens e 66 eram de mulheres. No rol dos 171 inventariados de Sabará, foi possível identificar 29 indivíduos naturais de Portugal Continental. Em relação ao estado matrimonial dos 171 indivíduos cujos bens foram inventariados encontrava-se no estado de casado (93) no momento do seu falecimento, cabendo aos homens a maioria com 64% dos casos. A seguir a estes, estavam os indivíduos solteiros. Dos 49 casos identificados, 30 eram do sexo masculino e 19 do feminino. Em último lugar estavam os viúvos no total atingiram 13 casos (5 homens e 8 mulheres).

Uma vez exposto o estado matrimonial dos inventariados de cujos espólios serviremos para o estudo apresentado neste texto, interessa-nos também identificar a proveniência dos mesmos. Como já foi dito anteriormente, a descoberta do ouro nas Minas Gerais em finais do século XVII foi responsável por atrair um elevado número de pessoas das mais variadas regiões da América, mas também do além-mar. No caso da imigração portuguesa para a América, grande parte do contingente que para lá se dirigiu provinha da região noroeste de Portugal, nomeadamente do Entre-Douro-e-Minho<sup>33</sup>. A transposição do Atlântico pelos portugueses significou também, e em alguma medida, a transposição de práticas culturais e do próprio *modus vivendi* português expresso, por exemplo, na posse de alguns objectos de uso pessoal e doméstico provenientes daquela região portuguesa. É o caso dos adornos em ouro trabalhados artesanalmente empregando a técnica da filigrana ou o uso de colchas provenientes de Guimarães artigos característicos da região Minhota.

Neste contexto, entre os 171 inventários identificados para este estudo, localizamos 29 portugueses domiciliados na Vila de Sabará e sobre cujas fortunas debruçaremos a nossa análise. A distribuição dos espólios entre as categorias já apresentadas ao longo deste texto permite-nos inferir quais eram os tipos de bens e investimentos que atraíram a atenção dos portugueses que se fixaram na Vila de Sabará.

Tabela 1 – Distribuição do espólio dos demais inventariados<sup>34</sup> por categorias, século XVIII

Tipo de Bem	Valor absoluto em real <sup>35</sup>	Valor percentual no espólio dos inventariados
Armas	186\$500	0,22%
Estoques	14:929\$903,00	17,6%
Outros	4:164\$254,00	4,9%
Utensílios Domésticos	3:158\$905,00	3,7%
Utensílios Profissionais	2:379\$045,00	2,8%
Móveis	2:585\$214,00	3,1%
Instalações Profissionais	1:217\$200,00	1,4%
Vestuário	4:186\$515,00	4,9%
Objectos em ouro e prata	9:233\$670,00	10,9%
Moedas	42:659\$719,0	50,4%
Total	84.700.925,00	100%

Fonte: Banco de Dados de Inventários do Arquivo Histórico do Museu do Ouro (AHMO) – Comarca do Rio das Velhas, século XVIII. Os valores apresentados estão em réis; Foram analisados 171 inventários que residiam na Vila de Sabará.

*Antigo Regime*, Lisboa, [s.n.], 1989, (Policopiado), Tese de mestrado em Economia e Sociologia Históricas, séculos XV-XX, p.85.

<sup>33</sup> Sobre a presença de comerciantes minhotos na Capitania de Minas Gerais no século XVIII, ver FURTADO, J. F., “Comerciantes Minhotos nas minas setecentistas”, *Mínia*, Braga - Portugal, v. 6, p. 125-141, 1998; FURTADO, J. F., *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, 2. ed. São Paulo, HUCITEC, 2006.

<sup>34</sup> Foram inseridos nesta categoria os inventariados de origem brasileira e, também, aqueles cuja nacionalidade não foi possível identificar em função da ausência desta informação no inventário.

<sup>35</sup> A moeda da época era o real, plural: réis. Sua equivalência em ouro variou entre 1\$100 (mil e cem réis) e 1\$500 (mil e quinhentos réis) ao longo do século XVIII. Um mil réis equivaliam a 1 conto de réis (1:000\$000).

A partir da tabela 1 podemos construir o perfil dos inventariados domiciliados na Vila de Sabará concentravam sua riqueza em moedas, nos estoques e nos objectos em ouro e prata. Neste contexto, os portugueses domiciliados na vila de Sabará não se diferenciaram muito, ou seja, também entre eles as moedas (entenda-se aqui, principalmente, a presença do ouro) e os objectos confeccionados a partir do ouro e da prata representaram quase 70% do valor dos bens inventariados. Em seguida estiveram o vestuário e os objectos do mobiliário.

Tabela 2 – Distribuição do espólio dos inventariados portugueses por categorias, século XVIII

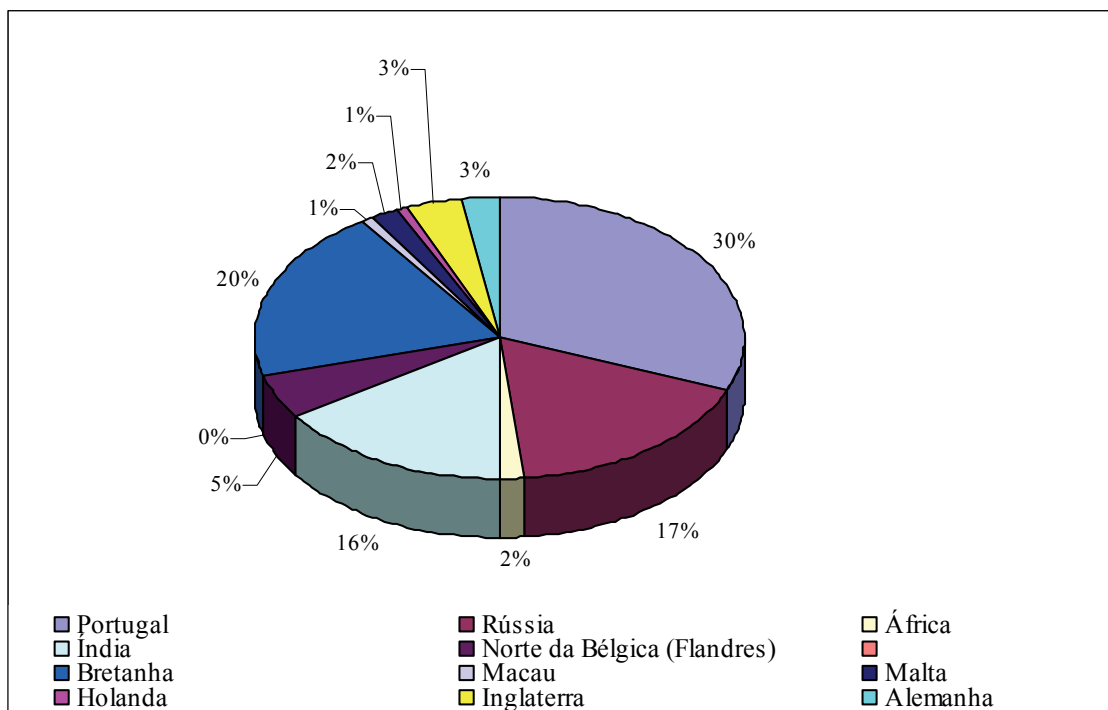
Tipo de Bem	Valor absoluto em real <sup>36</sup>	Valor percentual no espólio dos inventariados
Armas	10\$500	0,1%
Estoques	485\$563	4,6%
Outros	689\$811	6,5%
Utensílios Domésticos	345\$016	3,2%
Utensílios Profissionais	320\$850	3,0%
Móveis	671\$512	6,3%
Vestuário	843\$242	7,9%
Objectos em ouro e prata	1:562\$424	14,7%
Moedas	5:720\$814	53,7%
Total	10:649\$732	100%

Fonte: Banco de Dados de Inventários do Arquivo Histórico do Museu do Ouro (AHMO) – Comarca do Rio das Velhas, século XVIII. Os valores apresentados estão em réis; Foram analisados 29 inventários de portugueses naturais do Reino e que residiam na Vila de Sabará.

As tabelas acima revelam um perfil bastante condizente com a região de inserção destes homens. Como já foi dito anteriormente a vila de Sabará, enquanto sede administrativa da Comarca do Rio das Velhas, acolheu em seus becos e ruelas homens e mulheres das mais variadas categorias socioprofissionais e cujos perfis podem ser desvendados pelo tipo de bens possuídos. Nas próximas linhas analisaremos alguns inventários cujos bens descritos remetem para os quatro cantos do Império. Tecidos, jóias, mobiliário, trajes e adornos do Império estiveram presentes nos domicílios de homens e mulheres que acabaram por acumular bens e riquezas na Vila de Sabará.

<sup>36</sup> A moeda da época era o real, plural: réis. Sua equivalência em ouro variou entre 1\$100 (mil e cem réis) e 1\$500 (mil e quinhentos réis) ao longo do século XVIII. Um mil réis equivaliam a 1 conto de réis (1:000\$000).

Gráfico 1 – Origem de alguns objectos<sup>37</sup> presentes nos inventários dos moradores da Vila de Sabará, XVIII



Fonte: Banco de Dados de Inventários do Arquivo Histórico do Museu do Ouro (AHMO) – Comarca do Rio das Velhas, século XVIII. Foram analisados 171 inventários que residiam na Vila de Sabará.

Embora não conste na maioria dos bens inventariados a sua procedência, aqueles em que esta informação esteve presente nos permitiu estruturar o gráfico 1. Nota-se que os produtos provenientes de Portugal representaram a maioria. As categorias que predominaram foram: tecidos (sobretudo nos manufacturados como toalhas de mesa), jóias em ouro (aplicadas com a técnica da filigrana) e louças de cozinha oriundas do Porto). Logo em seguida estiveram os tecidos (sobretudo em peças) originários da região francesa de Flandres. Os móveis em moscovia, originários da Rússia, estiveram em terceiro lugar, seguidos dos produtos de origem indiana, sobretudo as louças e porcelanas.

#### 4. “Uma saia de seda, um cordão de ouro e um sinete de marfim”: bens do Império em uma vila mineira setecentista

Em 1711 o arraial de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevado à condição de Vila e assumiu a posição de sede administrativa da Capitania de Minas Gerais. Tal facto esteve estreitamente relacionado com a descoberta do ouro nas águas do Rio das Velhas<sup>38</sup>. Sabe-se que a descoberta do ouro nas Minas Gerais foi responsável por atrair um considerável número de pessoas provenientes não somente de outras regiões da América Portuguesa, mas também de Portugal Continental, nomeadamente do norte.

A intensa circulação de pessoas pela vila de Sabará imprimiu, por consequência, uma intensa circulação de objectos provenientes das mais diversas regiões do Império. Brincos de

<sup>37</sup> Para a elaboração deste gráfico foram analisadas 758 entradas de objectos pessoais e profissionais referentes aos 171 inventariados residentes na Vila de Sabará. Dentre os 758 bens arrolados nos inventários, 116 deles forneciam a origem.

<sup>38</sup> O Rio das Velhas nasce no município de Ouro Preto e desagua no Rio São Francisco. Foi um marco natural importante na delimitação do território dos sertões mineiros e, também, no processo de descobrimento do ouro e, posteriormente seu escoamento.

filigrana<sup>39</sup> originários do Minho, sedas e especiarias orientais, talheres em prata, eram alguns dos objectos referidos que entre muitos outros faziam parte dos espólios de homens e mulheres que residiram na vila de Sabará no século XVIII. A presença de tais artigos entre os bens inventariados vem confirmar que a distância geográfica entre as várias regiões que compunham o Império Português não era impedimento para que os bens culturais viessem da Europa para o do ultramar e do litoral para os sertões.

Há ainda que considerar a própria composição das casas sabarenses no que se refere ao mobiliário e utensílios domésticos. Sabe-se, entretanto, que poucos foram os domicílios que prezaram pelo conforto doméstico e pela decoração dos interiores. Em geral os domicílios coloniais (fossem os das zonas açucareiras ou mineradoras) foram caracterizados pela presença de um mobiliário precário e, muitas vezes, adaptados ao viver colonial. Como exemplo de tal adaptação temos o uso de redes (objectos caracteristicamente de origem indígena) enquanto substitutos dos leitos e, em alguns casos, de cadeiras. As camas na América Portuguesa somente começaram a ser vistas nas mais diversas localidades (São Paulo, Minas Gerais e Bahia) em meados do século XVIII. Muitos outros objectos acabaram por substituir parte do mobiliário nos domicílios coloniais como, por exemplo, os cabides de chifre de boi ou de veado que substituíram os armários.

Para além disso, os trajes e adornos usados pelos homens e mulheres da vila apontam para uma tentativa de recriar, em terras de além-mar, o *modus vivendi* de Portugal Continental.

O que podemos inferir com a leitura dos inventários *post mortem* é que a posse de objectos mais “refinados” esteve directamente relacionada com o *status* sócio económico dos indivíduos, ou seja, tendencialmente os objectos de luxo foram encontrados em inventários de militares, homens de negócios, eclesiásticos, etc.

Thomas de Moura, natural da Freguesia de São Salvador, Bispado de Porto, faleceu em 27 de Abril de 1785 sendo seu inventário aberto dois dias depois após sua morte. Seus bens somavam, quase, 1 conto e 200 mil réis e estavam distribuídos em móveis, vestuário, objectos em ouro e prata, utensílios domésticos e outros bens. O inventário do Padre Thomas de Moura revela a posse de bens que merece ser exposta.

---

<sup>39</sup> A Filigrana é um trabalho ornamental feito a partir de fios extremamente finos de ouro juntamente com pequenas bolas de metal, soldadas e reunidas de maneira a compor um desenho. Tal técnica é, nos dias actuais, bastante utilizada por ourives da Região Norte de Portugal. Suas peças são usadas frequentemente no conjunto do vestido de noiva tradicional e, ainda, no traje feminino dos ranchos folclóricos do Minho.

**Quadro 2 – Composição do espólio do padre Thomas de Moura**

<b>Categoria do bem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Avaliação</b>
Moveis	Catre <sup>40</sup> de jacarandá; Catre de pau branco; Preguiceiro de couro cru; Mesa de pau branco; Mesa de pau branco velha sem gaveta; Bancos toscos; Tamboret cobertos de couro de jacarandá; Armário pequeno com suas portas; Estante de mesa de madeira branca; Estante de por livros forrada de tábuas; Canastra; Cadeira de encosto de pau branco.	36\$100
Roupa de Casa e Vestuário	Chapéu-de-sol com armação de forja; Capa de gala; Luva de gala preta; Casaca de pano pardo forrado de baeta; Vestia e calção de pano azul; Timão de baeta; Meias pretas; Camisas de pano de linho; Toalhas de pano de linho; Toalhas de algodão; <b>Guardanapos de linho de Guimarães</b> ; Capa de durante branco; Sobrepeliz de pano; Vara de renda estreita.	30\$425
Objectos em ouro e prata	1 Cruz com feitio de Santo Cristo, tudo de ouro; Anel de ouro com uma pedra branca; 2 fios de corais em ouro; Cordão de ouro fino; 1 par de fivelas de prata; 26 1/2 oitava de prata velha em que entra uma volta; 1 <b>cana-da-índia</b> pequena de prata; Garfos e colheres de prata.	43\$662
Utensílios Domésticos	Coco de cobre; Chocolateira; Almofariz de bronze; Tacho de cobre; Candeeiro de latão; Concheiro de 4 bicos; Bacia de barba de homem; Bacias de pé de cama; Escumadeira de latão; Jarro e bacia de estanho muito velho; Pratos de estanho; Colheres e garfos de latão; Faca com cabo de osso; <b>Pratos da Índia</b> de louça de guardanapo pintados; <b>Sopeira da Índia</b> com sua tampa; <b>Tigelas de louça da Índia</b> ; <b>Xícaras com seus pires da Índia</b> ; Frascos de vidro preto, um deles com um pouco de azeite; Garrafas; Potes de ter água; Gamela de banho	27\$275
Outros	Rabeca com seu arco; <b>Sinete de marfim</b> ; Ferro de fazer hóstias; Tesoura; Gancho que serve para castigo de escravos; Palmatória de latão pequena; Par de estribos de ferro lisos; Sela.	59\$822

Fonte: Inventário de Thomas de Moura (CSO (03)04), Banco de Dados de Inventários do Arquivo Histórico do Museu do Ouro (AHMO) – Comarca do Rio das Velhas, século XVIII.

O inventário do Padre Thomas de Moura revelou, entretanto, uma riqueza considerável no que se refere à posse de livros<sup>41</sup>. Entre os volumes inventariados estavam: Tomo Soares de Penitência em folio, 2 tomos Soares cursos Filosóficos em folio velhos, 1 tomo Nogueira *Exposito Bullo Cruciato* em folio, 1 Prosódia de Bento Pereira<sup>42</sup>, 3 tomos do (cretase) de Gratinão de Gregório Nono de Bonifácio Oitavo em folio, 1 tomo de Comentário de Justiniano em folio, 2 tomos de *Pisinelle Mundus* (sic) em folio, 1 outros tomo de *Picinelle Lumino Reflexa* em folio, 1 tomo de Amaro dos Anjos Sermões, 11 tomos de Cornélio Alaúde em folio, 5 tomos de Nova Floresta de Bernardes<sup>43</sup>, 15 tomos de Sermões do Padre Vieira, 1 Bíblia Sacra, 1 tomo de *Gradus Act Parnasum*<sup>44</sup> in oitavo, 1 tomo Ritual Romano, 1 tomo Ofício de defunto, 1 tomo de *Ordenandus* Pugadores e Confessores in quarto, 1 livro

<sup>40</sup> Leito pobre e tosco

<sup>41</sup> Os títulos dos livros aqui apresentados foram transcritos conforme estavam no inventário razão pela qual muitos deles tiveram seus títulos em latim preservados no momento da descrição do inventário.

<sup>42</sup> A obra a que se refere é PEREIRA, Bento; CARNEIRO, Domingos, *Regras geraes, breves, e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina, e portugueza para se ajuntar à Prosodia ordenadas pelo author della, o P. D. Bento Pereira da Companhia de Jesus, Qualificador do Santo Officio Approvadas por varões peritissimos em huma, e outra lingua Dividem-se em trez partes A primeira he das regras commuas à lingua latina e portugueza. A segunda he das tocantes só à latina. A terceira he das tocantes só à portugueza*, Lisboa, Oficina Domingos Carneiro, 1666.

<sup>43</sup> A obra a que se refere é BERNARDES, Manuel; DESLANDES, Valentim da Costa; SILVA, José António da, *Nova Floresta ou Sylva de varios apophtegmas e ditos sentenciosos espirituais, e moraes: com Reflexoens, em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim divina, como humana*, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1796.

<sup>44</sup> A obra a que se refere é de Autoria desconhecida, mas intitulada *Parnasum philosophicum, seu gnomateumata scotistica... logica, physica metaphysica.... versos latinis*, Ulyssipone, Typ. Michaelis Rodriguees, 1749.



espiritual intitulado Luz e Calor<sup>45</sup> in quarto, 1 Brasilia Pontifitio in quarto grande, 1 tomo Exercício de Rodrigues Espiritual<sup>46</sup> em folio, 2 tomos de Lacroix Teologia Moral em folio, 3 tomos de Bispado Teologia Expeculativa in folio capa de pergaminho, 1 tomo de um Breviário, 5 latins Teologia *Concionatorio in cloze*, 1 Comento de Virgílio dos Eglolos (sic) pergaminhos, 2 tomos de Sermão de Frei José de Lima<sup>47</sup>, 1 tomo de *Stromos Predicaris*, 1 tomo de Céu Místico<sup>48</sup>, 1 tomo de Sermões de Quaresma de frei José de Souza, 1 tomo de Conpello de Cerimónias, 1 tomo de Cerimónias de Bernardes, 1 tomo de Romano, 1 tomo de Sermão de frei António Lopes Cabral intitulado Poncarpia, 1 tomo de Arte Prática de Consoantes, 1 tomo de Biblioteca Secreto de Pregadores, 1 Responso, 1 Arte Franceza intitulada O Mestre, 1 Arte Franceza de La Rué, 1 caderno de Santos Novos.

Nota-se que, seja entre os bens de uso pessoal, seja na composição da sua biblioteca particular, os bens do padre Thomas de Moura são exemplos da intensa circulação de objectos nos sertões das Minas Gerais. Entre os bens descritos e avaliados no processo de inventário do padre Thomas de Moura o mobiliário da casa, no que se refere ao valor absoluto, ocupou a terceira posição estando atrás, somente, da categoria “outros” e “objectos em ouro e prata”. A existência, entre os bens inventariados, de mesas, estantes para acomodação dos livros, canastra, tamboretas, entre outros revela a preocupação do eclesiástico com o interior do seu domicílio.

É importante salientar que num estudo sobre a vida material e quotidiana em uma comunidade setecentista não poderíamos deixar de abordar a transmissão dos bens materiais após o falecimento daquele que os possuía. É interessante observar se existe alguma tendência de distribuição dos bens durante a partilha, ou seja o que caberia à viúva? Poderia a mesma exercer, de facto, a administração dos bens após o falecimento do marido? E aos filhos, o que era deixado? Neste contexto, analisaremos nas próximas linhas o inventário do Alferes José Isidoro Pereira. Português, natural da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, em Vila Verde era casado com Francisca Xavier da Silva. O Alferes José Isidoro Pereira faleceu no dia 5 de Outubro de 1767 sendo seu inventário aberto em 25 de Novembro do mesmo ano. Seus bens somavam um total de 1:711\$474<sup>49</sup> distribuídos entre escravos, imóveis, móveis, objectos em ouro e prata, vestuário, utensílios domésticos, utensílios profissionais e outros.

<sup>45</sup> A obra a que se refere é BERNARDES, Manuel; DESLANDES, Miguel, *Luz, e calor: obra espiritual para os que tratão do exercicio de virtudes, & caminho de perfeição: dividida em duas partes...* / escrita pelo P. Manoel Bernardes., Lisboa : na officina de Miguel Deslandes, 1696.

<sup>46</sup> A obra a que se refere é RODRIGUES, Afonso, *Exercício de perfeição e doutrina espiritual para extinguir vícios e adquirir virtudes*, Lisboa, Offic.. de João Gabrão 1632.

<sup>47</sup> A obra a que se refere é PILAR, Bartolomeu do; FERREIRA, José Lopes; FERREIRA, Manuel Lopes, *Sermam nas exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Francisco de Lima terceiro Bispo de Pernambuco, celebradas na sua Cathedral de Olinda em 2. de Junho de 1704 / que pregou o M.R.P.D. Fr. Bartholomeu do Pilar Religioso de N. Senhora do Carmo da Provincia de Portugal...*, Lisboa, na Officina de Manoel, e Joseph Lopes Ferreyra, 1707.

<sup>48</sup> A obra a que se refere é AZEVEDO, Sebastião, *Céu Místico*, Lisboa, Off. António Pedroso Gabam, 1725.

<sup>49</sup> Do total do Monte Mor foi retirada a meação da viúva no valor de 914\$087. O restante dividido em três partes: a terça (304\$952) o defunto poderia dispor da maneira que achasse melhor e, em geral, o destino da terça estava mencionado nos testamentos feitos antes do falecimento. As outras duas partes foram adjudicadas aos órfãos que ficaram, cada um deles, com a quantia de 304\$695.

**Quadro 3 – Composição do espólio de José Isidoro Pereira**

<b>Tipo de Bem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Valor</b>
Moedas	15 Oitavas de ouro em pó	18\$877
Móveis	1 Cômoda, 1 estante, 1 mesa, 1 catre torneado, 2 catres, 1 <b>baú de moscovia</b> , 6 tamboretos torneados de couro cru, 11 tamboretos lisos, 1 banco de encostar, 1 mesa lisa, 1 cadeirinha de mulher	84\$700
Objectos em ouro e prata	2 Pares de botões de ouro, 1 crucifixo de ouro, 2 cordões de ouro, 1 recicle com seus brincos, 1 recicle com brincos irmãos com olhos de mosquito, 1 anel de topázio amarelo, 1 par de fivelas de sapato de prata, 1 par de calção, 1 par de fivelas de liga, 1 fivela de pescocinho, 1 boceta de prata, 1 abotoadura de prata de casaca e vestia	110\$000
Roupas de casa e vestuário	1 Vestido de pano cor de tabaco, 1 vestido escarlate, 1 vestia de seda azul, 1 farda de pano branco com vestia de droguete castor, 1 vestido de camelão preto, 1 banda de retrós verde, 6 <b>camisas de Bretanha</b> com fios babados, 3 camisas de linho, 1 ceroulas de linho, 5 gravatas de caça, 2 pares de <b>meias de seda</b> , 1 chapéu de sol de tafetá azul, 3 lenços de tabaco azul, 1 <b>chapéu de Braga</b> , 2 cabeleiras, 1 par de sapatos, 1 par de botas com esporas, 5 lenços de linho, 4 toalhas de mesa de algodão, 3 toalhas de mão	133\$310
Utensílios Domésticos	2 Colheres e 2 garfos de prata, 14 garfos de estanho, 7 <b>pratos da Índia</b> , 2 sopeiras, 1 bule, 1 tigela, 4 xicaras, 1 copo e 1 coco de cobre, 1 bacia e jarro de estanho, 1 copo de vidro, 2 castiçais de estanho, 1 candeeiro de estanho, 1 bacia de pé de cama, 1 lanterna de folha de flandres, 1 tacho de cobre, 1 chocolateira	23\$250
Outros	1 Caixa de óculos de prata com seu óculos com aros de prata, 1 resfriadeira, 1 relógio de caixa de prata com corrente de prata, 1 <b>espadim de prata com boldrié de marroquim</b> , 1 par de pistolas com ganchos, 1 <b>espingarda com fechos de agulha portuguesa</b> , 1 patrona de barrete com frasco, 1 pauzinho com argola de prata, 1 oratório com imagens de Cristo, Sto. António e N. S. da Conceição, 1 sela de <b>cochim</b> de veludo e estribeiras de pau	87\$650
Utensílios Profissionais	1 Balança	1\$500

Fonte: Inventário de José Isidoro Pereira (CSO (26)07), Banco de Dados de Inventários do Arquivo Histórico do Museu do Ouro (AHMO) – Comarca do Rio das Velhas, século XVIII.

Nota-se a presença de um extenso rol de bens relacionados ao vestuário bem como objectos em ouro e prata. Interessa-nos entretanto analisar a partilha dos bens acima mencionado entre os herdeiros. Do matrimónio de José Isidoro Pereira com Francisca Xavier da Silva nasceram dois filhos: António (9 anos) e Maria (7 anos). Após o falecimento de seu marido, Francisca Xavier da Silva foi nomeada inventariante dos bens e tutora<sup>50</sup> dos órfãos.

A nomeação da viúva como administradora das legítimas dos herdeiros, uma vez que os mesmos eram menores de idade, faz com que na partilha dos bens sejam adjudicados à mesma todos os bens do inventariado acima mencionados (principalmente os objectos em ouro e prata) os quais seriam utilizados para a criação dos órfãos. Aos filhos, mesmo que ainda menores de idade, além da legítima recebida por falecimento do pai José Isidoro Pereira, receberam também parte do valor dos créditos devidos ao seu pai e ainda parte do valor dos escravos.

Percebemos assim que, no caso do inventário do Alferes José Isidoro Pereira, a viúva além de assumir a responsabilidade de tutora dos órfãos foi também responsável pela administração da legítima dos seus filhos. Apesar do património de José Isidoro Pereira ter sido avaliado em quase 2 contos de réis, e ao longo do processo percebemos que o mesmo foi quase todo gasto na criação dos órfãos. Neste contexto, a presença de objectos em ouro e prata e moedas pode ter sido de grande utilidade para a viúva.

Há contudo um outro aspecto que pode também revelar a circulação de objectos do Império em arraiais, vilas e cidades da América Portuguesa: a presença no espólio de

<sup>50</sup> Ao longo do processo do inventário a viúva e tutora dos órfãos foi notificada pelo Juiz dos Órfãos para dar conta do estado da legítima dos herdeiros. Em resposta, Francisca Xavier da Silva responde “[...] ter feito gastos com os órfãos que excederam à legítima destes tendo que gastar parte de sua meação”. Cf. CSO (26)07, *Inventário de José Isidoro Pereira*, Petição apresentada por Francisca Xavier da Silva, fl. 31r a 33.

habitantes nascidos nos trópicos, ou brasileiros, bem como no espólio de alguns alforriados que viram, na posse de objectos, uma possibilidade de inserção no quotidiano branco e livre. Dentre os 171 inventários *post mortem* analisados para este texto, 120 eram de indivíduos cuja nacionalidade não foi possível identificar por não constarem no documento. Destes, 68 eram no sexo masculino e 19 do sexo feminino. Os nascidos na América, intitulados brasileiros, somaram um total de 11 inventários e, destes, 6 eram homens e 5 mulheres. Embora os homens representem a maioria em ambos os casos, em alguns casos os inventários femininos apresentaram maior riqueza e diversidade no que se refere à posse de objectos.

Entre aqueles nascidos na América destacamos o inventário de Catarina Teixeira da Conceição aberto no ano de 1788, solteira e nascida e residente na Rua do Caquende, em Sabará. Embora o monte-mor<sup>51</sup> de Catarina Teixeira da Conceição não esteja entre os mais avultosos da vila de Sabará a partir da sua análise podemos apreender um pouco sobre o viver desta mulher numa sociedade essencialmente masculina. É interessante observar no inventário de Catarina Teixeira da Conceição a presença de vários créditos que deveria receber a inventariada. Estavam entre os seus credores: Manoel Marques do Rego, Manoel Bernardes Coutinho (Reverendo Padre), João da Costa Correia de Melo, Thomas Rodrigues Guimarães (Alferes). A inventariada possuía ainda 6 escravos e uma casa térrea coberta de telhas. Interessa-nos, para este texto, a posse de objectos que remetam para a intensa circulação de bens provenientes não somente das regiões pertencentes ao Império Português. O espólio de Catarina Teixeira da Conceição reflecte, principalmente entre os objectos de ouro e prata e nos utensílios domésticos, a circulação material característica da época em que viveu.

Uma variada gama de tecidos e objectos do vestuário compunham o espólio de Catarina Teixeira da Conceição entre eles: manto de seda, capa de baeta, saia de chita, saia de brilhantina, saia de melanina cor-de-rosa, saia de chita, saia de riscado, anáguas de algodão, coifa de cetim, lenço de cambraia, lã, fronhas de linho. O seu mobiliário era composto por: catre de jacarandá torneado, catres de pau branco, Preguiceiro de couro cru, banquinho de pau branco, mesa de pau branco, armário de pau branco, oratório de pau branco com imagem do Santo Cristo e de N. Sra. Da Conceição, tamboretas de couro cru, laminas com molduras douradas e esculpidas em cobre, baú de moscovia, baú de couro cru, espelho pequeno com molduras de jacarandá, banco, estrado de pau branco. Os utensílios domésticos revelam ainda um pouco mais sobre o *modus vivendi* desta mulher natural de Sabará. Dentre os objectos para uso doméstico encontramos: colheres e garfos em prata, tachos em cobre, bacia usada para fazer pão de ló, coco de cobre, chocolateira de cobre, candeeiro de latão, bacia e forro de estanho, pratos de estanho, colheres de estanho, colheres de latão, garrafa de vidro, bandejas de cobre pintadas de xará da Índia, pratos finos de guardanapo da Índia, pratos de pedra, copo de vidro, tabuleiro pintado, trempe de ferro.

Foram ainda descritos bens de uso profissional (provavelmente utilizados pelos cativos pertencentes a Catarina Teixeira da Conceição, tais como: machados, alavancas, facões de ferro e ainda um ferro de pescoço utilizado, provavelmente, para castigar um escravo desobediente.

O inventário de Catarina Teixeira da Conceição, embora pouco extenso, revela aspectos interessantes do viver nas Minas. A presença de objectos como: baú de moscovia; tecidos de chita, linho, cambraia; móveis de jacarandá e pau branco; talheres de prata e cobre; pratos indianos demonstram o trânsito de tais objectos pelos pontos mais longínquos do Mundo Atlântico Português. O oceano Atlântico não representou, neste contexto, obstáculo para que a Índia, a Bretanha, a Rússia, entre outros, adentrassem pela porta de Catarina Teixeira da Conceição sem que esta tivesse saído, sequer, da vila de Sabará. Outra

---

<sup>51</sup> Designa-se como o valor monetário total dos bens acumulados por um indivíduo e avaliados seja por determinação de suas incapacidades metais, seja por seu falecimento. Do monte-mor retiram-se as dívidas contraídas pelo inventariado e que não tinham ainda sido quitadas, ficando o restante do valor para ser dividido entre os herdeiros.

mulher nos chamou a atenção ao longo da leitura dos inventários *post mortem*: a preta forra Catarina de Barros era casada com Domingos da Silva e moradora na Rua do Largo da Igreja Grande, em Sabará. Seu inventário foi aberto em 1731 e seus bens somavam a quantia de 567\$090. Do casamento com Domingos da Silva nasceu um filho, Inácio, que tinha 15 anos quando a mãe faleceu. No inventário de Catarina de Barros é interessante a presença de escravos entre os seus bens o que pode representar uma tentativa de Catarina de Barros de reproduzir o viver branco e livre. Além dos escravos, Catarina de Barros possuía também uma morada de casas. Contudo, foram os bens de uso pessoal que nos chamaram a atenção. Entre aqueles relacionados com o vestuário encontramos: saias de seda, camisas, pano de lemiste preto, anágua, par de meias. Os objectos de ouro e prata (todos avaliados em 180\$500) encontram-se: Cordões de ouro, cruz com uma volta de cordão, botões de ouro, argolas de ouro, brincos esmaltados, Verónica de São Bento, coração de filigrana, palito de ouro com cordão, braceletes de corais, memórias de ouro, botões de prata, feitio de Nossa Senhora da Conceição, feitio do Espírito Santo, unha de onça. As devoções religiosas de Catarina de Barros, assim como a presença de acessórios em ouro e prata (inclusive um deles artesanalmente feito a partir da filigrana) apontam para a sua preocupação com os adornos femininos. Na partilha dos bens couberam ao cônjuge, Domingos da Silva, os utensílios domésticos, a morada de casas e os escravos. Ao filho, Inácio, Catarina de Barros deixou os objectos em ouro e prata.

Homens e mulheres, naturais do Reino e das Minas formaram a sociedade da vila de Sabará. Os bens por eles acumulados, provenientes das diversas regiões do Império Português, demonstram a intensa circularidade de objectos e de pessoas que marcou a constituição do Mundo Atlântico Português.

## 5. Em suma

O Mundo Atlântico Português esteve em constante movimento possibilitando aos seus habitantes o acesso a bens provenientes dos cantos mais remotos do globo. Neste contexto, os comerciantes acabaram assumindo o papel de difusores culturais. O marfim africano, o ouro brasileiro, o vinho português, o algodão maltês, a seda indiana, a saraça asiática, produtos do Império cuja circulação não ficou restrita às grandes praças mercantis, do litoral. Produtos do Império que chegaram aos domicílios do sertão, que foram a matéria-prima para a confecção de calções e vestias, dos punhos de armas que foram talhados, da imagens religiosas esculpidas em madeira e, muitas vezes, folheadas a ouro.

Catres, tamboretas, baús de moscovia e vinhático, sopeiras indianas, facas flamengas, uma infinidade de objectos usados no dia-a-dia de homens e mulheres que não atravessaram o Atlântico e que puderam ter em suas mesas de pau-branco louças, talheres, guardanapos dos quatro cantos do Mundo Atlântico Português. Neste contexto, “a mesa reunia agora múltiplas situações sociais, ela se cercava de um número crescente de móveis anexos e acessórios, louças, talheres, panos, (...) nela a alimentação foi transfigurada em relações sociais”<sup>52</sup>

Neste contexto, a actividade comercial foi fundamental não só para a fixação do contingente humano nas Minas Gerais do século XVIII, quanto para a circulação dos bens desembarcados nos portos da América Portuguesa. Mais do que elo de ligação entre o litoral e os sertões mineiros, os comerciantes que se estabeleceram nas Minas foram responsáveis por introduzir na região um elevado nível de mobilidade. O fluxo humano e de mercadorias esteve expresso na diversidade de produtos de uso pessoal e profissional pertencentes não somente às demais regiões da América, mas também da Ásia, África e Europa.

<sup>52</sup> ROCHE, Daniel, *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*, Lisboa, Teorema, D.L. 1998, p. 233.

## 6. Referências bibliográficas

- ANTONIL, A. J., *Cultura e opulência do Brasil*, Itatiaia/Edusp, Belo Horizonte, 1982.
- BOSCHI, C. C. “Nem tudo que reluz vem do ouro...”, in SZMRECSÁNYI, T. (org.). *História econômica do período colonial*, Hucitec, São Paulo, 1996, 57-66.
- BOXER, Charles R., *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.
- CARRARA, A. A. *Agricultura e pecuária na capitania de Minas Gerais (1674-1807)*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997 (Tese de doutorado).
- CHAVES, Cláudia, *Perfeitos negociantes: mercadores das Minas setecentistas*, 1ª. ed. São Paulo, Annablume, 1999.
- ELLIS, M. “Contribuição ao estudo do abastecimento das zonas mineradoras do Brasil no século XVIII”, *Revista de História*, USP, São Paulo, ano 9, 340.
- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo, “Negociantes, mercado Atlântico e mercado regional; estrutura e dinâmica da praça mercantil do Rio de Janeiro entre 1790 e 1812, in FURTADO, Junia Ferreira (org.), *Diálogos oceânicos; Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001, p.156.
- FURTADO, J. F. *Homens de negócio: a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*, Hucitec, São Paulo, 1999.
- FURTADO, Junia Ferreira (org.), *Diálogos oceânicos; Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.
- FURTADO, J. F., “Teias de Negócio: conexões mercantis entre as minas do ouro e a Bahia durante o século XVIII”, In FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; SAMPAIO, A. C. Jucá de; CAMPOS, Adriana Pereira. (Org.), *Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*, 1 ed. Lisboa/Vitória, IICT/EDUFES, 2006.
- FURTADO, J. F., “Comerciantes Minhotos nas minas setecentistas”, *Mínia*, Braga - Portugal, v. 6, p. 125-141, 1998.
- GODINHO, V. M., “As frotas do açúcar e as frotas do ouro, 1670-1770”, in GODINHO, V. M., *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar, séculos XIII-XVIII*, Difel, Lisboa, 1990, 477-496.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Caminhos e Fronteiras*, edição ilustrada, Coleção documentos brasileiros, Livraria José Olympio Editora, 1957.
- MADUREIRA, Nuno Luís, *Inventários: aspectos do consumo e da vida material em Lisboa nos finais do Antigo Regime*, Lisboa, [s.n.], 1989, (Policopiado), Tese de mestrado em Economia e Sociologia Históricas, séculos XV-XX.
- MAGALHÃES, B. R.; SILVA, V. A. C., *Evolução da Economia e da riqueza na Comarca do Rio das Velhas - Capitania de Minas Gerais - 1713-1763*. In: 10º Seminário sobre a Economia Mineira, 2002, Diamantina. CD ROM DO 10º Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, 2002. v. 1. p. //-//.
- NOVAIS, Fernando; SOUZA, L. M. (Org.), *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*, 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

PEDREIRA, J. M. V., *Os homens de negócio da praça de Lisboa de Pombal ao Vintismo (1755-1822)*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995, (Tese de doutorado).

ROCHE, Daniel, *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*, Lisboa, Teorema, D.L. 1998.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. “El Brasil colonial: el ciclo del oro, c. 1690 –1750”, in BETHELL, L. (ed.). *História de América Latina 3*, Editorial Crítica, Barcelona, 1990, 260-305.

RUSSEL-WOOD, A. J. R., *Um Mundo em Movimento*, Difel, Porto, 2006.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, Editorial Estampa, 1993.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemérides Mineiras*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1897.

ZEMELLA, M. P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, Hucitec/Edusp, São Paulo, 1990.